

LINO DE ALBERGARIA

Ilustrações: Marco Aragão

Márika e o Oitavo Ano

Obra adquirida pelo Departamento de Bibliotecas Infantojuvenis
da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo



4ª edição
7ª tiragem
2015

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Lino de Albergaria, 2002

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistente editorial: ELAINE CRISTINA DEL NERO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: ROSANE PAMPLONA

Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico e diagramação: EDSSEL MOREIRA GUIMARÃES

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Albergaria, Lino de

Márika e o oitavo ano / Lino de Albergaria ; ilustrações Marco Aragão. — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08387-5

1. Literatura infantojuvenil I. Aragão, Marco. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP

SAC

0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

201005.004.007

Para Amélia Pires Chaves

1

Amanhã, volto à escola. Espero que este ano seja mais fácil. Acho que estou começando a me adaptar ao Brasil. E, quem sabe, no colégio as pessoas também aprendam a se adaptar a quem é diferente. Ou, no meu caso, um pouco diferente. Imagino como deve ser ainda pior para um surdo. Parece que todos os surdos, porque não ouvem, também falam com certa dificuldade. E não controlam a intensidade da voz. Por isso dependem daqueles aparelhos que usam. Para os cegos, então, tudo é ainda mais complicado na escola. Soube outro dia da dificuldade que eles têm quando prestam vestibular, esse exame tão maluco que existe neste país. Eles não conseguem perceber sozinhos um gráfico, um mapa ou uma ilustração. E as provas têm muitas questões que utilizam esses recursos. Portanto, dependem de uma ajuda especial, alguém que descreva para eles do que se trata.

É um bom consolo para mim, claro, entender que para outros tudo é bem mais difícil. Eu enxergo, eu escuto, eu falo, sem depender de aparelhos ou de outras pessoas. Embora não entenda ainda muitas palavras e várias situações que para a gente daqui são tão evidentes. As coisas da história e da geografia do Brasil, por exemplo, quase sempre são uma completa novidade para mim. Falar está começando a ficar fácil. Talvez de tanto que eu ouço essa língua. Nos lugares a que eu vou, ou pela televisão, que aqui comecei a assistir com uma frequência muito maior que lá na minha terra. E tenho bom ouvido, as pessoas já observaram. Quase reproduzo a música que eles colocam nas frases. É só comparar com meu pai. Noto nele o sotaque que às vezes ainda faz os brasileiros rirem e que, com certeza, eu devia ter no começo. O Márek, também, não faz a mesma questão que eu de falar português o melhor possível. Tanto que eu já não preciso das aulas particulares que ele ainda toma. E sempre me pergunta as coisas com que ainda se confunde. Mesmo assim, não se dá conta de como eles usam os artigos aqui, antes dos nomes. Nem percebe que os gêneros das palavras costumam ser bem diferentes.

— Você é nova e está na escola, por isso se adapta bem rápido — ele me diz. Em tcheco, que é a língua que usamos entre nós.

Imagino se não me adaptasse. Continuaría a ser vista como um fantasma ou um ser de um outro planeta. E dizem que no mundo inteiro os jovens se vestem igual. Os mesmos *jeans*, os mesmos tênis, as mesmas malhas. Mas nunca é exatamente igual. Os grupos sempre parecem ter seus códigos secretos. Agora acho que já sei decifrá-los, pelo menos os que mais me afetam. O uniforme na escola, na verdade, sempre foi um escudo para mim. A não ser quando tive de recorrer aos meus complementos de inverno. É que os brasileiros não têm propriamente um inverno. Por isso estranham as roupas que eu trouxe de casa.

E eu estranho esse calorão úmido como o de hoje, que me faz transpirar. Mas, em Praga, eu adorava o verão e ressentia que fosse tão breve. Também gostava de perceber as outras estações. Tenho lembranças tão nítidas da primavera e do outono. O outono que progride através das cores e das folhas. Vermelhos, dourados, marrons. Isso não existe por aqui. Nem a neve do nosso inverno, nem o aconchego do aquecimento dentro de casa, em contraste com a temperatura da rua.

No verão brasileiro, as chuvas são rápidas, mas violentas. E as cores parece que não têm tonalidades intermediárias. Tudo é tão forte. A luz do dia, o azul do céu, o verde das plantas. Às vezes meus olhos ainda se incomodam com as paisagens. E minhas orelhas ainda estranham como é tudo tão ruidoso. Todos falam tão alto. O recreio na escola, no começo, era insuportável. Dava vontade de colocar protetores de ouvido.

Nos primeiros dias, eu chorei. Custava a entender por que meu pai escolheu este país para trabalhar. Márek é mestre-servejeiro e aqui pelo menos as pessoas gostam de cerveja. Essa bebida amarga, cujo sabor me repugna. Meu pai brinca que não sou uma tcheca autêntica. E não vai ser por aí, por esse ponto em comum, que vou me transformar numa brasileira. Se um dia decidir me embriagar, certamente será com vinho. E aqui bebem relativamente pouco vinho. Márek gosta de caipirinha,

com limão. Mas eles fazem com outras frutas e adoçam a cachça. Outro dia, provei uma de lima e até que gostei.

Nessas férias, embora eu quisesse tanto ter viajado para casa, acabei conhecendo um lugar de que eu também gostei. Não era nenhuma praia, cheia de areia branca e de coqueiros. As praias são bonitas, mas não sei por que os brasileiros desperdiçam as férias inteiras numa praia. E tanto sol é tão ruim para a pele, principalmente para a dos tchecos, tão pouco acostumados a isso. Nós nem temos mar, somos um país central.

Essa cidade para onde eu fui se chama Ouro Preto e me fez esquecer um pouco das saudades da Boêmia. Embora não tivesse castelos, tinha muitas igrejas. E as coisas eram antigas, barrocas, de um modo diferente, mais rústico, do que as que temos na República Tcheca. Mas ali se sentia uma presença diferente do tempo. Bem diferente da maioria das cidades brasileiras, onde tudo deve ter a obrigação de ser moderno.

Estou esperando Márek chegar com as fotos reveladas de nossa viagem. Ter conhecido Ouro Preto talvez tenha contribuído para melhorar a minha adaptação. Afinal pude reconhecer neste país alguma semelhança com o meu. Em algum momento, nossas histórias se pareceram. As igrejas e esse tipo de arte, o barroco, cortam um pouco da estranheza que sempre senti neste lado do mundo. Também o ar de velho das coisas me fez bem. Assim, não tenho tanto receio da escola amanhã. Não vou precisar chorar no travesseiro à noite, como aconteceu no ano passado. Acho que aquela foi uma das jornadas mais tensas e mais cansativas da minha vida. Eu senti na pele o que as pessoas chamam de estresse. O estresse de ser diferente, de se sentir deslocada, de ser estrangeira.

Pode ser que fique triste quando for me deitar esta noite. Principalmente, se começar a pensar em tudo que deixei para trás. Minha mãe, minha casa. O inverno. Agora é inverno por lá, ainda. Mas já chegando ao fim, quando a gente começa a pensar nos primeiros brotos que vão ressurgir nos jardins em mais umas poucas semanas. Um sinal sutil da natureza. Tão pequenino, delicado e ao mesmo tempo tão cheio de importância. Que enchia meu coração de certeza e de novidade.



A novidade que não dura tanto e que se repete todos os anos. Mas que traz alegria, traz cheiros e sabores tão especiais. E a certeza de poder reconhecer os mesmos cheiros e sabores que trazem de volta a alegria.

Amanhã, a novidade terá também um gosto de repetição. E isso me tranquiliza. Nada será tão de chofre, tão forte e violento como no ano passado.

2

— São fotos da sua terra, filha?

Estava no recreio, sentada à parte dos outros, examinando as fotografias com mais cuidado.

Eu as tinha levado para a escola quase como um talismã. Como se as imagens de Ouro Preto pudessem trazer o ar da cidade para dentro daquela escola onde eu não tenho amigos. Vários tinham me cumprimentado quando cheguei, mas ninguém se demorou mais de dois minutos comigo. Ninguém se interessou em saber como foram minhas férias.

Agora aquela mulher se aproximava de mim, como os brasileiros costumam fazer, espiando as minhas coisas e ainda se intrometendo. Era a Margarida, que fazia a limpeza da escola. A Margarida, como eles dizem, com um artigo na frente do nome.

— Lá também tem igrejas? — ela me perguntava, já me tomando uma das fotos.

A mulher não me dava tempo para responder. Eu estava surpreendida com sua ignorância. Será que não conhecia uma das cidades mais famosas de seu próprio país? Márek tinha razão. No Brasil há um largo fosso entre as pessoas. Gente como a Margarida não tinha meios de viajar nem de se instruir.

— Nossa, mas que beleza! Vocês também são católicos? — ela tirava suas conclusões sobre a “minha” terra.

Senti vontade de fazer com ela a mesma hora que alguns de meus colegas fazem comigo, quando desconheço o que é óbvio para eles. Podia dizer que São Francisco de Assis

era a nossa igreja de São Nicolau. Ou que a imagem de Tiradentes representava São Vito. Com certeza ela iria engolir tudo. Mas me vi explicando, educadamente:

— Nós somos católicos, de tradição. Mas esta é uma cidade brasileira.

— É mesmo? Mas tão diferente...

— Estive lá nas férias. É Ouro Preto.

— Ah, eu não conheço, não. Só sei que é a terra do Aleijadinho.

— Quem?

— O homem que fazia as igrejas e os santos. Ele não tinha as mãos.

Que história era aquela? A Margarida tinha resolvido me gozar? Quase me arrependi de ter sido gentil com ela. Ia pedindo que me devolvesse as fotos. Ela já estava segurando todas elas. Mas me bateu uma dúvida. Parece que eu tinha escutado uma coisa parecida, mas não havia prestado muita atenção. Um guia tinha dito algo numa igreja sobre um artista aleijado. Mas ele falava tudo de cor, como um papagaio. Não dei crédito a ele.

Deixei que ela olhasse cada imagem, as duas em silêncio.

— E você gostou de Ouro Preto? — ela perguntou por fim.

— Muito. É o lugar mais bonito do Brasil.

— Mas tem muito morro, não?

Realmente, era estranho terem feito uma cidade em um lugar tão cheio de subidas e descidas. Só que era interessante, desafiava a gente a olhar de ângulos diferentes e a descobrir, subitamente, as casas. Ou então os telhados apareciam diante de nós. Ou abaixo de nossos pés. Tão parecidos, naquelas telhas velhas e avermelhadas.

Retomei uma das fotos. Uma ladeira, a igreja no alto.

— Eu gosto — falei.

— Sua terra também é assim?

Então me vi falando com ela de ruas bem antigas e estreitas, que levam, depois de se atravessar uma ponte sobre um largo rio (nem disse que se chamava Vltava, pois nenhum brasileiro consegue repetir essa palavra), ao castelo da minha

cidade. E ao longo dessa ponte, trinta conjuntos de estátuas nos fazem caminhar entre figuras de santos e anjos.

— Um castelo?

— Sim, um castelo da Idade Média!

— Um castelo de princesa?

Então eu sorri. Quando pequena, também imaginava que naquele castelo vivesse uma princesinha. Uma princesinha que, na minha imaginação, também se chamava Márika.

— No castelo morou um príncipe que virou um santo.

— Que santo?

— Venceslau.

— Esse eu não conheço.

Não, eu pensei, vocês não conhecem nada da minha terra. Nem os professores de História sabem. Mas ela, pelo menos, se interessava. E ainda deve ter sonhado, quando menina, com um castelo e uma princesa.

Tocou o sinal e eu tomei as fotos de volta. Margarida se despediu de mim. Alguém, pela primeira vez, se mostrava curioso sobre minha cidade. Mas eu não quis dizer que ela se chama Praga.

Estava cansada de ver as pessoas rindo do nome de minha cidade. Gente incapaz de imaginar que essa cidade foi fundada por uma princesa. Uma princesa chamada Libuse, há mais de mil anos.

Imagino a descrença, o ar de dúvida ou de deboche, diante de um nome que para eles soa tão estranho.

— Princesa... o quê? Mas isso é nome de princesa?

3

As coisas na escola também misturam repetição e novidade. É como se minha vida no Brasil tivesse duas únicas estações. Uma curta, as férias, e a outra bem comprida, que é o tempo na escola. Esta é a minha segunda estação das aulas. Os alunos são os mesmos, com a novidade dos dois gêmeos, Eduardo e Francis-

co, que logo viraram Edu e Chico. Acho bom que tomem o meu lugar. No ano passado era eu a figura estranha. Sentia como a turma comentava a minha intromissão na classe. Mas os gêmeos, talvez tão fora do comum quanto uma tcheca, até que gostam da atenção que provocam. E, para eles, deve ser mais fácil enfrentar a situação. Afinal, são dois. Podem se unir, podem dividir a ansiedade.

Alguns professores permanecem, outros mudaram. Infelizmente, a Ester continua dando aulas de Português. Ela ainda me incomoda. Sua matéria sempre foi difícil para mim e sempre me fazia me sentir a diferente! Escrever em outra língua deixa a gente meio de mãos amarradas. A quantidade de palavras que a gente conhece nunca é suficiente para expressar tudo o que se pensa. Ainda mais quando tem alguém para assinalar todos os nossos erros. Mas até pode ser que tenha começado a escrever melhor em português por causa da marcação da Ester. Só que eu gostaria de encontrar outra pessoa dando essas aulas, que talvez não soubesse como o princípio foi tão duro para mim.

Em compensação, não temos mais aulas de Artes. Agora entrou Desenho, com um professor sério, chamado Prudente. E a matéria parece com ele, séria, rigorosa. Não é difícil. Mas eu gostava do outro. O Juca doidão, como diziam. O ambiente era bagunçado, mas eu me sentia livre e ele parecia gostar das coisas que eu fazia. E eu, principalmente, gostava do que fazia. Um dia ele me disse que meus trabalhos eram maduros e sensíveis e que, com certeza, eu tinha alma de artista.

Por isso ele gostava de mim e eu dele. Nós dois temos alma de artista. E esse Prudente, tão sisudo, parece ter a mesma alma do compasso e dos esquadros. Na sala também tem uma garota com alma de artista. Essa continua. E do mesmo jeito, ignorando a mim, principalmente. E talvez ao fato de que tem um dom nas mãos para embelezar as coisas. Ela se chama Lia e é sempre influenciada pelas outras meninas, ora a Roberta, ora a Lídia. Este ano voltou a cara da irmã dela, que está ainda no sétimo ano. Dá até para imaginar que seriam gêmeas.

Fico pensando o que é ter uma irmã ou um irmão. Nem precisava que fôssemos gêmeos ou muito parecidos.

Mas iríamos à mesma escola, ainda que em classes diferentes, e teríamos coisas para comentar. E certamente lembranças em comum.

Este talvez seja o meu principal problema. Não ter coisas importantes para compartilhar com alguém da minha idade. Conhecemos um outro tcheco na cidade, Vladislav, o Vlad, amigo do meu pai. Mas esse se abrigou tanto que se casou com uma mulher negra, a Rita. Eles têm dois filhos, completamente brasileiros. O garoto menor é inteligente e educado. Mas Sofia, que tem quase a minha idade, só um ano a mais, é insuportável. Pior que esta menina da sala, a Roberta. Só se interessa por roupas e pelos rapazes. Não dá a mínima para a terra do pai. Diz que o único tcheco que não é triste é o Vlad.

Será que os tchecos são mesmo tristes? Ou são os brasileiros que gostam de alegria demais, festa demais, barulho demais? Ver a Sofia dançar me deixa embaraçada. Não bastassem as roupas justas, a barriga quase sempre de fora, mexe tanto os quadris, e de propósito, porque sabe que os caras gostam de olhar. E ela, de provocar.

Às vezes suspeito de que há algo acontecendo entre o Márek e a professora particular de Português. O nome dela é Eliane. Eu não tinha reparado muito nela, quando também tomava aulas. Só passei a perceber algo diferente quando voltamos das férias. Ele não precisava ter trazido para ela aquele colar tão caro. Nem ela ter saído lá de casa com a joia e um olhar de quem tinha se tornado mais importante.

Pelo menos, é uma pessoa discreta. Fantasio sobre um filho, ou filha, que poderia ter com meu pai. Meu irmãozinho seria mais do jeito do Vladinho, o irmão da Sofia. Mas podia até ser alguém como o Prudente. Eu não me importaria de ter um irmão sério. Mas seria mais feliz se ele fosse como o Juca. Até meio doidão, mas de preferência artista.

Pois é, mas não tenho irmão nem irmã. E acho que não ia gostar se a Eliane mudasse cá para casa. Eu me acostumei a ser a única mulher aqui. Mas sei que não posso ter o Márek só para mim. Preferiria se ele ficasse sempre trocando de namoradas. Parece que os homens gostam disso. Na Boêmia ou no Brasil.